



Letras

PARA além da variedade de inspiração e de formas que parece distinguir nossa poesia mais recente, é inegável que existe um elemento comum em sua vontade de restauração do "poético".

Vontade ilusória, em muitos casos, já que, na ausência de categorias estéticas bem definidas e de valor universal, há de ser prosaico tudo quanto fuja à norma convencional. Entendida muito ao pé da letra essa ambição pode espelhar uma simples tendência retrocessiva, e não foi sem razão que o sr. Tristão de Athayde, pensando em alguns dos seus expoentes mais brilhantes, pôde referir-se a essa geração como "geração do soneto".

Entendida, porém, e compreendida, em sua significação mais profunda, a pesquisa deliberada e ativa da linha pura, não contaminada pelo gosto do acessório, do episódico, do atmosférico, torna-se inconfundível com essa indolente sujeição a disciplinas exteriores e irremediavelmente ultrapassadas.

Em realidade, o abandono do accidental pelo essencial associa-se a alguns momentos culminantes na história da poesia e não é por sim-

RESTAURAÇÃO DO POÉTICO?

Sergio Buarque de Holanda

plés circunstâncias históricas que a tragédia grega e o teatro clássico francês, por exemplo, chegam a prescindir das próprias indicações de cenário.

PARA nos contentarmos com um modesto plano nacional e hodierno eu diria que só aquela fidelidade ao essencial e ao permanente explica a pureza de timbre e a novidade de alguns dos nossos novos poetas, de um Geir Campos, por exemplo, e também de um José Paulo Moreira da Fonseca, de um João Cabral de Melo Neto e de um Péricles da Silva Ramos. É se ela os separa por um lado de certas manifestações frequentes no modernismo de 22, não os distancia menos da literatura neo-rococó que podemos encontrar em alguns colaboradores da revista *Orfeu*. Pode-se dizer que no seu caso a linguagem "nobre", "poética" não vem apenas de um *parti-pris* e que o rigor formal não é passivo e preguiçoso, mas fruto de uma deliberação incansável.

E isto é verdadeiro, não apenas dos que, como o sr. João Cabral, para citar o caso mais frisante, procuram a expressão parcimoniosa, mas também dos que aparentemente se colocam no outro polo literário. Ao menos no que se refere à questão da disciplina formal, é significativo o caso do sr. Marcos Konder Reis, autor de *Praia Brava* (Rio de Janeiro, 1950). Pertencendo à família dos vertiginosos, creio que ninguém, entre nós, desde a estréia do sr. Augusto Frederico Schmidt, con-

seguiu absorver, com tamanho êxito, o segredo da poesia oral e de longo fôlego.

Mas justamente um paralelo com o autor de *Mar Absoluto* revela até que ponto o sr. Marcos Konder Reis é capaz de bem dirigir sua vertigem. Nenhum "mau gosto", nenhum desgoverno chegam a embaciar o brilho ofuscante das suas palavras e das suas imagens. Quando muito será lícito dizer que o sustenido das frases iniciais determina, além do limite plausível, em alguns casos, a sonoridade e o timbre que hão de banhar o resto do poema, como se o pedal fortemente calcado não pudesse mais voltar à posição normal. É provável que uma fulguração e uma solenidade tão longamente sustentadas tendam a deixar, no fim, uma impressão de artifício. E essa simples palavra — artifício — já não bastaria para indicar de que lado, na ofensiva atual dos "retóricos" contra os "terroristas", se inclinaria a poética do sr. Marcos Konder Reis?

É CERTO que essa poética, delirante e espaçosa, precisaria de uma retórica adequada aos seus designios. E esta dificilmente seria a das formas fixas e a das medidas clássicas, em verdade impotentes para suportarem tão imensa procissão de sortilégios. A forma ambígua que pareceu eleger, presta-se admiravelmente a isso e quase lhe dá a primazia cronológica, entre brasileiros, no uso assíduo do versículo. Dos modernistas, creio que apenas o sr. Guilherme de Almeida — Em *Raça*

— chegou a servir-se mais ou menos desse recurso, que um Claudel e um St. John-Perse consagraram na literatura francesa de nosso tempo. Mas a experiência não encontrou quem a continuasse entre nós.

Conheço insuficientemente a obra anterior e, segundo parece, já numerosa, do sr. Marcos Konder Reis. Em *Praia Brava*, contudo, ele revela, ao lado do verbo naturalmente grandiloquo, uma técnica longamente amadurecida. Ninguém pode permanecer por muito tempo insensível à arte verbal e à magia rítmica de versos e versículos como os que formam o exórdio do poema e lhe dão a tonalidade definitiva:

Rosa de luz, o mar, outrora con-
(templada,
no silêncio e no adeus, como se
(fôra
o intenso prometer da hora
há muito adivinhada antes da vi-
(da, há muito decorada
antes do sonho.

Ai, de mim mesmo eu venho eu
(de um país mais
(forte
onde soluça um anjo a desejar
(ser mundo, e do fundo
e no fundo onde soluça um anjo
(a desejar ser carne,
rosa de carne eu venho a desejar
(ser sonho

ENTRETANTO a disposição gráfica é quase sempre enganadora e pode dar uma ilusão, apenas, de liberdade e de arbítrio — um e outro bastante relativos neste caso. Mesmo um ou-

vido pouco adestrado não deixará de notar ao longo do poema a reiteração constante de clichês e também de certas cadências tradicionais que constituem, de fato, seu verdadeiro fundamento prosódico. E' o que revela particularmente o trecho citado, onde o primeiro verso já é um alexandrino e o restante pode ser assim decom-

posto:
no silêncio e no adeus, (6)
como se fôra o intenso
(prometer da hora (12)
há muito adivinhada an-
(tes da vida (10)
há muito decorada antes
(do sonho (10)
Ai de mim mesmo eu ve-
(nho de um país
(mais forte (12)
onde soluça um anjo a de-
(sejar ser mundo (12)
e do fundo e no fundo, (6)
onde soluça um anjo a
(desejar ser carne (12)

Mas se há aqui uma espécie de concessão, apenas tipográfica, certo, à linguagem da prosa, ninguém dirá que ela implica na menor transigência com o prosaico e o quotidiano. Nessa perigosa altitude a que nos levou o sr. Konder Reis desaparece qualquer expectativa de aterrissagem.
Remessa de livros: Rua Haddock Lobo, 1625 — S. Paulo.